"de A a Z", a escrita do delírio

Sonia Borges

Nunca mais fui internado depois que comecei a freqüentar este Hospital. Já faz oito anos, acho que é porque faço tudo aqui de A a Z.
Pedro, setembro de 2000

Pedro — o nome é fictício — foi submetido a freqüentes internações dos dezoito aos trinta e três anos de idade, quando passou a freqüentar o Centro de Atendimento Diário do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse Centro, freqüenta oficinas de pintura, música, teatro, etc. É a essas oficinas que está se referindo quando diz fazer "tudo" ali "de A a Z", e que isso mudou a sua vida.

Discuto, aqui, algumas idéias que são fruto de uma pesquisa que venho desenvolvendo na Oficina de Escrita desse Centro,[1] onde Pedro produz textos há cerca de dez anos. É mesmo emblemática a figura do louco com papéis debaixo do braço e não é difícil encontrar seus escritos nos hospitais psiquiátricos, mas há pouca literatura a respeito. A participação na oficina, assim como a leitura dos textos arquivados, vem me trazendo muitas questões. Afinal, o que é escrever para o psicótico? Poderia ter efeitos de apaziguamento, que decorreriam da intensificação de relações com a forma escrita da linguagem?

[1] A Oficina de Escrita é coordenada por Eliúd Guerreiro, e a pesquisa vem sendo desenvolvida a convite da Dra. Ana Cristina Figueiredo, Diretora de Ensino do Instituto.

A Oficina começa pela leitura e discussão de um texto literário, jornalístico, etc. Passa-se, então, ao momento de escrever sobre o que se discutiu, ou sobre outro tema, se for essa a escolha dos participantes. Depois, cada um lê o que escreveu para que os outros comentem. Alguns participantes compartilham essa atividade há vários anos, como é o caso de Pedro. Tomo seu caso para refletir sobre as questões mencionadas.

Pedro tem quarenta anos, vive com a mãe, de quem diz que é tudo para ele. Do pai, diz que esteve sempre ausente. Ao completar dezoito anos, dois fatos novos ocorreram em sua vida: ficou sabendo da impossibilidade de realizar o seu sonho de vir a ser piloto, por ter um grave problema de visão e, pela primeira vez, teve um emprego. Nessa mesma época, teve o primeiro surto e a primeira internação.

É bem provável que o defrontar-se com o impedimento de realização de um ideal, assim como com o trabalho, agindo

como um chamado à significação, tenham provocado um abalo na sua relação dual, exclusiva, com a mãe; e por não dispor ele mais dessa compensação imaginária, dessa "bengala imaginária", tenha se desencadeado o fenômeno psicótico. Este é efeito da emergência na realidade de um chamado ao Nome do Pai, que faz com que a estrutura do sujeito fique sem sustentação pela não integralização de um determinado elemento. O Nome do Pai possibilita a emergência da significação fálica, permite ao sujeito dar significação a seus significantes, funcionando como "ponto de basta". Quando ocorre a sua foraclusão, como diz Quinet, "isso tem como conseqüência a dificuldade do sujeito de se situar no registro do simbólico, que é apreendido como totalidade sem furo, sem falta, que se manifesta como um Outro que faz do sujeito um objeto ou o invade através de vozes alucinadas, em seu corpo, até o âmago do seu ser".[2]

[2] QUINET, 1997, p.220.

Nos textos de Pedro, arquivados por quase dez anos, pude constatar a construção de uma "metáfora delirante", ou seja, um minucioso trabalho de reconstrução do universo que vai se dando de forma paulatina. Pedro conta a sua história com os "galenos", procurando convencer a todos, na Oficina, de que todo o universo está em jogo, sendo iminente a destruição da terra. Conta que ficou sabendo da existência dos "galenos", que são extraterrestres do mal, através de um aparelho receptor que lhe foi implantado pelo general Figueiredo e pelo SNI. Esse aparelho passa-lhe informações, ordens e também transmite os seus pensamentos, pode até colocá-los na TV Globo. Foi através dele que ouviu, pela primeira vez, falar dos "galenos". Diz que são seres extremamente poderosos, possuem armas atômicas, naves e aviões de última geração e visam a se apoderar de nossos minérios para, em seguida, destruir a terra, "megatonando-a com asteróides". "Eles têm a religião do mal", escreve num texto, "pensam que podem fazer as maiores vilanias entre nós. São covardes, é da natureza deles atacar planetas como o nosso e destruí-los". Essa informação lhe foi passada pelos extraterrestres do bem. Diz, ainda, que, segundo o que lhe foi dito pelo general Figueiredo — também através do aparelho — só ele, Pedro, poderá impedir essa catástrofe; isso se transar com uma mulher da "raça dos galenos", uma mulher perfeita, a Galena. Se isso vier a acontecer, ele será o salvador da Terra e, portanto, de todos nós. Mas, o SNI procura impedi-lo de se encontrar com ela, causando-lhe enorme sofrimento: "Se eu não desvirginar a Galena, o planeta não tem futuro...", escreve, ainda que seus sentimentos sejam contraditórios,

porque transar com a Galena significa também ser morto pelos "galenos", em conseqüência do ódio que isso geraria.

Pedro fala do seu sofrimento como insuportável e quase suplica para que acreditemos no que conta. "Por favor, peço que vocês me contemplem ao menos com a dúvida, vocês todos serão destruídos...", insistiu, um dia, conosco, ao começarmos a oficina. Muitos outros detalhes foram e vão sendo agregados aos seus textos. Por exemplo, considera-se autor de todos os enredos dos grandes filmes de ficção científica. Diz que são partes da sua história com os "galenos", mas lhe foram roubados, e que "isso é do conhecimento da Rede Globo".

Conforme a perspectiva lacaniana, o delírio tem como efeito a presentificação do gozo, ao mesmo tempo que o barra. É uma construção do sujeito impregnada do gozo do Outro, mas que vem conferir uma significação que pode fazer suplência à significação fálica faltante.

Que papel teve a Oficina de Escrita na construção, por Pedro, da "metáfora delirante"? Teria sido lugar de facilitação dessa construção? Essa possibilidade teria lhe sido aberta pela intensificação das relações com a escrita que a Oficina promove?

Pensar sobre uma função terapêutica para a escrita faz pensar no mito de Theus, deus da escrita, relatado por Platão. Segundo o mito, a escrita seria *phármakon*, uma medicina, um remédio, traria a cura. Mas Thamous, rei do Egito e de todos os deuses, a quem Theus oferece a escrita, recusa-a e, jogando com a ambigüidade da palavra, afirma que a escrita é *phármakon,* droga, perigosa, provoca a perda da memória, pois por sua própria essência é errante, irresponsável, parricida... Platão tende a apresentar a escrita, diz Derrida, em *A farmácia de Platão,*[3] como uma potência oculta, suspeita, que se constituiria a partir das oposições bem/mal, verdadeiro/falso, essência/aparência, sensível/inteligível. "Errante, sem convicção, sem responsabilidade, parricida" — é isso a escrita para Platão. Sua especificidade é não ter pai, diz Derrida. Estaria nisso a sua afinidade com o delírio? Uma e outro não se submeteriam à oposição clássica "dentro/fora", base de todas as outras citadas oposições que impregnam o pensamento clássico?

[3] DERRIDA, 1991, p.7.

Sem pai, a escrita de Pedro corre atrás de um significante, para depois, sem convicção, abandoná-lo e recorrer a outro, depois a outro, até que venha à tona aquele que pode fazer suplência, que susta o descarrilamento significante pela produção de um sentido novo, estabelecendo uma ordenação do seu gozo e, assim, da realidade, do seu pensamento e de seu corpo. É pelo fato de habitar a linguagem que o homem pode

dar à realidade, incluindo-se aí o seu corpo, uma forma una, ainda que ilusória. Ao abordar a clínica a partir das leis da linguagem, observa Quinet, "Lacan parte da estrutura da metáfora paterna, onde a metaforização do significante do Desejo da Mãe produz a significação fálica para definir o sintoma como metáfora, substituição significante, e conclui que a restauração da realidade na psicose é devida ao advento de uma metáfora delirante".[4]

[4] QUINET, 1997, p.56.

A partir do que foi dito, pode-se pensar que a psicose é efeito da coincidência de dois furos em um só: por um lado, a elisão do imaginário em conseqüência de um evento de vida, necessidade de escolhas, etc. Por outro, a elisão pelo apelo em vão ao Nome-do-Pai. Desse furo único podem se desencadear dois tempos sucessivos: o da perplexidade e o da convicção, tomando de Philippe Julien[5] a terminologia. Para expor e comentar o caso, tomo como referência esses dois tempos.

[5] JULIEN, 1999, p.13.

uma experiência de perplexidade

Pode-se pensar em um "tempo da perplexidade", no caso de Pedro, considerando-se o seu relato sobre o momento desencadeador da sua última internação. Tempo que precede o "tempo da convicção", convicção da verdade das idéias delirantes que constrói. É interessante observar que, no pequeno fenômeno que relata, repete-se a temporalidade do delírio.

Pedro estava em um *shopping center* e esbarrou no braço de uma moça desconhecida. Foi, então, tomado por um sentimento de perplexidade em razão de não conseguir interpretar o ocorrido: "Que aconteceu, que significa isso?". Conforme o seu relato, foi sendo invadido pelo pensamento de que passara a mão não no braço, mas na bunda da moça. É invadido por esse pensamento, pela dúvida, pela perplexidade, que advêm tanto da impossibilidade de compreender, de interpretar o que acontecera, como do fato de poder compreender que não está compreendendo. Quase imediatamente, entra em extrema agitação, em surto, e ocorre a internação.

A psicose se declara assim: palavras ou pensamentos se impõem ao sujeito como vindas do exterior sob a forma de voz, como eco do pensamento, como enunciação de atos a cumprir ou como comentários destes. Como diz Colette Soler,[6] a experiência de perplexidade nem sempre é veiculada especificamente por um significante alucinado. Ela pode se dar em relação a fenômenos do cotidiano, como me parece ter ocorrido neste episódio relatado por Pedro.

[6] SOLER, 1993, p.54.

A realidade é pulsional para todo falante, mas a esquize do sujeito é particularmente desvelada na psicose. Pedro é invadido por um enigma, tocara no braço ou na bunda da moça? De onde vem isso? Quem? Por quê? Deslizamento metonímico? Despedaçamento do corpo? As pulsões invadem a realidade nas modalidades escópica ou invocante, olhar e voz a esburacam. No caso, provocam o deslizamento metonímico — do braço à bunda —, revelador da infinitização do sentido em que fica desnudada a esquize entre a realidade e o real.

A ausência do Nome-do-Pai, como suporte de todas as representações, tem como efeito essa dispersão nos significantes que corresponde à dispersão do gozo. Enquanto para o neurótico o corpo simboliza o Outro, para o psicótico o corpo é o Outro, sendo lugar de gozo sem mediação. Os significantes espalham-se pelo corpo, fazendo-o sem lei ou coordenação, por falta da mediação fálica. Como ensina Lacan, "é a falta do Nome-do-Pai que, pelo furo que abre no significado, atrai uma cascata de remanejamentos do significante de onde procede o desastre crescente do imaginário até que um nível seja atingido onde significante e significado se estabeleçam na metáfora delirante".[7]

[7] LACAN, 1966, p.577.

Na esquizofrenia, ou, como se pode constatar, também no momento esquizofrênico da paranóia, que precede a construção da metáfora delirante, há a perda dessa unidade imaginária, há uma espécie de multiplicidade de S^1, sem hierarquia. E lá onde deveria advir S_2 como produto diferencial de repetição significante, tem-se um conjunto vazio.[8] Para o neurótico, o Outro não goza por ser barrado pelo significante da castração — o Nome do Pai. Na psicose, como efeito da não inclusão da castração no Outro, o gozo presentifica-se nas alucinações, invade o sujeito, pois a suposição de que o Outro tudo sabe a seu respeito é substituída pela certeza.

[8] QUINET, 1997, p.129.

a experiência de convicção

Pedro escreve de A a Z, constrói, letra a letra, o seu universo e a sua relação com o Outro. Essa construção tem como objetivo dar uma resposta à experiência de perplexidade. A emergência do significante-Galena, no processo metaforonímico de construção do delírio, a meu ver, permitiu-lhe reordenar os seus investimentos libidinais, ainda que de forma delirante.

Para Freud, "o doente tirou das pessoas de seu meio e do mundo exterior em geral todo investimento libidinal nelas investido até ali. Tudo se lhe tornou indiferente e sem relação

com ele; é por isso que lhe é necessário explicar o universo".[9] Freud recusa-se a separar a experiência de perda da de retorno, considerando-as como efeito do que chama de distribuição da libido, que, por sua vez, descreve como sendo um fenômeno de sentido. Também Lacan, desde "Função e campo da fala e da linguagem" (1953), afirma a determinação da neurose e da psicose pelos fenômenos da linguagem ou, mais precisamente, que "a condição do sujeito depende do que se desenrola no Outro". Isto é acentuado, particularmente, nos primeiros momentos do seu ensino sobre a psicose. Vê-se que, aí, esta é construída como uma variante da neurose e pensada como déficit.

[9] FREUD, 1910, p.1491.

Nos textos iniciais de Pedro, a invasão do Outro presentifica-se pela implantação do "aparelho receptor" no seu intestino. Através desse aparelho, ele é injuriado, recebe ordens e ameaças. Que ordens? Delírio sherebiano: trata-se de salvar a Terra. O delírio confere significação às vozes. As vozes que ouve no aparelho têm o estatuto de objeto pulsional. Pedro sofre os efeitos da voz, as injunções do supereu, cuja voz atribui aos seus perseguidores, o SNI ou o General Figueiredo: "Figueiredo não queria que eu transasse com a Galena e me torturava mentalmente o dia inteiro!" A posição do sujeito na psicose é de objeto do gozo do Outro, de um Outro absoluto e despótico. Quinet observa que "um exemplo de suplência do Nome do Pai, utilizado pelos esquizofrênicos, é a Máquina que, por si só, constitui uma tentativa de delírio e que mostra bem como o corpo é lugar do Outro. O corpo se maquiniza, e é influenciado e comandado por um aparelho que o faz funcionar".[10]

[10] QUINET, 1997, p.118.

O delírio tem efeito organizador. Pedro é como que pinçado e inserido na cadeia significante do seu delírio ao atribuir as vozes a um outro nomeável, ao gal. Figueiredo, ao SNI. Isso facilita que lhes dê sentido, ordenando o gozo e permitindo certo apaziguamento. Trata-se de dar consistência ao Outro, um nome àquele que goza dele.

Os significantes "aparelho receptor", general Figueiredo, S.N.I. não foram, entretanto, suficientes para a constituição da metáfora. Foi preciso recorrer a outros que, paulatinamente, vão emergindo em seus textos: "planeta Mercúrio", "extraterrestres do bem e do mal", "nave-mãe", até que o general Figueiredo lhe fale da "Galena". Mas, "Galena" veio a ser mais que um significante para alongar a história. "Galena" faz Um, é o significante que faltava, o "ponto de basta" articulador dos outros significantes.

Com o significante "Galena", ao lado dos sentimentos de perseguição e megalomania, evidencia-se a erotomania. Pedro

passa a ocupar o lugar de objeto *a,* pois recebe como missão salvar a Terra, cuja destruição só poderá ser evitada se vier a transar com a "Galena". Da "raça dos galenos", ela é virgem, uma mulher ideal, linda, toda, e, para o seu espanto, estará disposta a trair o seu povo para transar com ele. Com a "Galena", o delírio produziu um substituto do falo, a Mulher. O delírio faz, assim, suplência a Édipo, e tem como efeito a restauração da realidade. Essa possibilidade é indicada por Lacan, quando desenvolve a teoria dos nós, ao considerar que, além da solução edipiana como amarração dos três registros, existem outras possibilidades.

Pedro ouviu o significante "Galena", assim como "galenos" nas vozes, através do "aparelho receptor". No "Aurélio", em "galeno" lê-se: médico grego, um dos fundadores da medicina; mas, também é possível encontrar "galena": aparelho receptor primitivo, colocado nos postes para receber mensagens. Um "aparelho receptor" dentro, no intestino, e outro fora. Ou o de dentro, fora?

Pedro diz que já havia tomado purgante para expelir o "aparelho receptor". É possível se pensar que evacuar o aparelho, lugar das vozes que provocam dispersão e sofrimento, seria uma tentativa de reunir os elementos de seu corpo e de seu mundo despedaçados? E que isso diria respeito à emergência do significante Galena? Conforme Quinet, "no ato de evacuar, há uma tentativa de Schereber de reunir os elementos de seu ser no nível do que sai do corpo, pois o excremento faria dessa forma a função de órgão separado do corpo, um órgão condensador de gozo que ao 'fazer', ele abandona".[11]

[11] QUINET, 1997, p.71.

Na construção de Pedro, evacuado o receptor, o Outro despótico, do lado de fora, toma a forma da Galena, ocorrendo, neste movimento, a instituição de uma ordem. A sua relação com a realidade e com os semelhantes torna-se possível, porque definida. Ainda que com muito sofrimento, passa a poder se movimentar na ordem simbólica pela subjetivação do papel de salvador do mundo. Salvação que se efetivará quando, contornando as dificuldades, vier a transar com a "Galena".

"Galena" vem sustar a proliferação significante. Seria possível pensar que isso se dá pela *significantização* de Galena, por seu estatuto de letra, de lugar primário de precipitação de sentido? A estrutura imaginária teria se restaurado, pela via da produção de textos, com a construção dessa interpretação delirante? Como diz Quinet, "o significante foracluído retorna no real sob a forma de uma palavra. Ao estilhaçamento do gozo,

opõe-se o gozo do UM, do qual o paranóico toma parte como parceiro sexual".[12] Retorno sob a forma de uma palavra escrita? Sob a forma de letra, a letra-Galena retorna, é *significantizada* fazendo litoral, liteira para o gozo? A letra é imagem, é visual. O visual é corporal. A letra morde na carne, por isso o aparelho será *phármacon*? Quando no intestino, é droga perigosa, lugar das vozes e do Outro despótico, responsável pela dispersão e despedaçamento do gozo como efeito da falta do significante fálico. Quando fora, evacuado, como "Galena", é cura, apaziguamento, porque condensador do gozo. "Galena" barra o Outro, delimita o gozo, tem efeito de Nome-do-Pai.

[12] QUINET, 1997, p.63.

Vê-se que o aparelho receptor, assim como os raios divinos no caso Schereber, têm a particularidade de ser, ao mesmo tempo, linguagem e sexo, o que denota a relação de equivalência entre gozo e significante: o sujeito aparece como objeto *a*. Diferentemente do que ocorre na neurose, na psicose não há extração do objeto mais-de-gozar do campo do Outro. Isso acarreta a sua multiplicação e surgimento no real.

O texto psicótico é "demasiadamente escrito", diz Lacan referindo-se à sua liberdade de sentido. A relação que se estabelece entre o aparelho receptor — o de dentro, o do intestino — e a Galena — o aparelho fora — não é meramente de ordem semântica. Nos seus textos, a metáfora delirante cifra-se, é um fato de escrita. Significantes, suportados por letras, neles emergem isolados do seu valor de código, Galena vem a adquirir o estatuto de letra condensadora de gozo pelo valor que ocupa no jogo das substituições metonímicas. Assim, a foraclusão do Nome-do-Pai, como falha que condiciona a aparição do signicante no real, não reduz a instância da significação, ao contrário, libera-a.

Como nos diz Colette Soler, a partir de *RSI*, o sintoma definido "como função da letra, na qual o gozo está em jogo sem Outro, não é tecido pela significação. Ele é resposta do real, mas não esgota a significação mais que qualquer outro significante no real, podendo-se, mesmo, dizer que a ela faz apelo, ou que a engendra."[13] E, ainda conforme Soler, "essa definição de sintoma é solidária do que Lacan ensina, naquele momento, sobre a autonomia do imaginário em relação ao simbólico, e sobre um simbólico que não é o da linguagem enquanto cadeias S_1-S_2, que geram ficções de significação, mas sobre um simbólico enquanto língua, (S_1, S_1, S_1...) tal como os encontramos no nó borromeano".[14] Lacan refere-se ao delírio de Schereber, mencionando que ele é, ele próprio, a sua referência. Conforme Miller, "o sintoma não diz nada a ninguém:

[13] SOLER, 1993, p.56.

[14] SOLER, 1993, p.54.

ele é cifra e é gozo puro de uma escrita. A construção do delírio deve tudo à letra, é construção da letra com a ajuda da letra, por isso sua compatibilidade com a ausência do Nome-do-Pai".[15]

[15] MILLER, 1994, p.4.

Lacan estabelece, ao final do Seminário *RSI*, o estatuto do sintoma como um Nome-do-Pai ligado ao simbólico, constituindo um círculo com o inconsciente. Mas, no caso da foraclusão do Nome-do-Pai, como o sujeito vai sustentar um pai? Com o delírio, que pode ser construído tendo como suporte qualquer significante que apresente o estatuto de S_1, que funcione como letra condensadora de gozo. Dessa forma, "neurótico e psicótico se equiparam, enquanto o primeiro encontra em Édipo seu sintoma, o segundo constrói um sintoma novo, uma teoria, arte, no caso de Joyce, uma relação com a escrita".[16]

[16] QUINET, 1997, p.49.

O delírio corresponde ao sintoma na psicose e é uma tentativa de cura, pois traz um apaziguamento patente do gozo sem limites ao qual o sujeito está submetido. Exerce a função de barrá-lo, delimitá-lo pela reconstrução da realidade, ainda que esta seja, forçosamente, distinta da realidade comandada pelo Nome-do-Pai. É preciso observar que essa polaridade do sujeito — significante e gozo — é encontrada nos dois campos. Para o neurótico, o Outro não goza por ser barrado pelo significante da castração — o Nome-do-Pai. À medida que é barrado, extrai-se algo que condensa o gozo fora do corpo, o objeto *a*. O psicótico não está fora da linguagem, mas em decorrência da foraclusão do Nome-do-Pai, sua relação com o significante é problemática e, em conseqüência, ele se encontra submetido a um gozo sem barreiras, colocando-se ele próprio como objeto *a* do gozo do Outro.

Nos textos de Pedro, de A a Z, a escrita da metáfora. Escrever supõe o gesto de tomar a folha em branco e traçar letras-imagens, de modo a instaurar-se ali a dialética essencial do objeto. Esse gesto implica todo o corpo, posicionamento da espádua, braços, mãos, punhos, dedos... olhar e voz. O corpo tensiona-se para o ato impressor que suporta a articulação entre representação-coisa, representação gráfica, fonemática, gramatical e semântica: articulação que instaura a letra e a lei. Penso que é esse gesto de separação-objetivação, exigido pelo traçar as letras na constituição da escrita, que abre a possibilidade para que a metáfora delirante se deposite no papel com o estatuto de um precipitado de gozo e significante.

A Oficina não poderia ter efeitos de apaziguamento, também por propiciar, aos que a freqüentam, o gesto de submeter a sua escrita à apreciação dos colegas? No caso de Pedro, inclusive, convocando-os a tomar sua parte de

responsabilidade no que vai ocorrer com a Terra? Isto não poderia ser visto como uma passagem ao outro que teria a eficácia de publicação, portanto de reconhecimento de sujeito? À semelhança do que ocorreu com Joyce e Schereber, que se estabilizaram com a elaboração e publicação de sua obra, não se poderia ver, aí, "uma quebra dos limites entre o psíquico e o social que seria uma forma de compensação, de suplência para a estrutura psicótica", usando os termos de P. Julien? Também segundo esse autor, "a desqualificação da vida privada, tão impressionante nos psicóticos, não é um déficit, mas, um apelo a uma inserção social bem sucedida, onde o nome próprio jamais seja reduzido a um nome comum".[17]

[17] JULIEN, 1999, p.57.

referências bibliográficas

DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*.São Paulo: Iluminuras, 1991.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia. In: *Obras completas*, v.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1963.

JULIEN, P. *As psicoses*: um estudo da paranóia comum. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1966.

LAURENT, É. Trois énigmes: les sens, la signification, la jouissance. L'énigme de la psychose, *La Cause Freudienne*, Revue de Psychanalise, n.23, Paris, Difusion Navarin Seuil, 1993.

MILLER J.-A. Clinique ironique. L'énigme de la psychose, *La Cause Freudienne*, Revue de Psychanalise, n.23, Paris, Difusion Navarin Seuil, 1993.

QUINET, A. *Teoria clínica e psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SOLER, C. L'éxperience énigmatique du psychotique, de Schereber a Joyce. L'énigme de la psychose, *La Cause Freudienne*, Revue de Psychanalise, n.23, Paris, Difusion Navarin Seuil, 1993.